



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE JORNALISMO**

MATEUS MACÊDO - 420684

RESENHA DO LIVRO “O OLHO DA RUA” DE ELIANE BRUM

FORTALEZA

2019

O livro “O Olho da Rua” apresenta 10 reportagens escritas pela autora Eliane Brum, nesses textos ela conta seus bastidores – dilemas, medos e até mesmo seus erros, vividos no processo do fazer jornalístico.

Gaúcha de Ijuí, nascida em 1966, Eliane Brum é jornalista, escritora e documentarista. Trabalhou 11 anos como repórter do jornal Zero Hora, de Porto Alegre, e 10 como repórter especial da Revista Época, em São Paulo. Desde 2010, atua como freelancer e faz projetos de longo prazo com populações tradicionais da Amazônia e das periferias da Grande São Paulo. De 2009 a 2013 foi colunista do site da revista Época. Desde 2013 tem uma coluna quinzenal, em português e espanhol, no jornal El País. É também colaboradora do jornal britânico The Guardian. Publicou seis livros – cinco de não ficção e um romance –, além de participar de coletâneas de crônicas, contos e ensaios.

O livro perpassa por vários assuntos e lugares diferentes, tem início no Amapá onde é apresentado a história das parteiras mais antigas do Brasil, depois o leitor é transportado para Roraima em uma discussão de pertencimento de terras. Na terceira parte é retratada a história de pessoas idosas que foram levadas a morar em uma casa de repouso, parte porque era melhor, parte por abandono e uma pequena parte por escolha. Na quarta reportagem conhecemos um homem que enfrentou o desemprego. A quinta aborda um lugar chamado Terra do Meio, um espaço que não tem sua existência registrada e os moradores não sabem quem é o presidente do país. A sexta apresenta Sérgio Cláudio de Oliveira e sua história e depois as mães que tiveram seus filhos mortos. Na sétima é retratada a realidade dos garimpeiros e do “senhor” do garimpo, Zé capeta. Na oitava a autora aborda sobre a vida em uma favela de São Paulo. Na nona é evidenciado a repórter em si e sua experiência em um retiro espiritual no Rio de Janeiro e por fim a última reportagem acompanha os últimos 115 dias de Ailce de Oliveira Souza e também aborda a questão dos cuidados paliativos.

Além disso, o livro contém um prefácio escrito por Caco Barcellos. Outro ponto importante do livro é que sempre após a reportagem a autora comenta como foi o processo de escrita e também reflete sobre o papel jornalístico e do jornalista.

No prefácio do livro, Caco demonstra todo seu afeto pela obra, afirmando que leu passagens dos capítulos que mais o emocionaram na redação e no carro de reportagem, ademais descreve que Eliane vê a grandeza mesmo nos pequenos feitos de pessoas desconhecidas e ainda situa o livro com o uma obra imune ao tempo.

Acredito na reportagem como documento da história cotidiana, como vida contada, como testemunho. Exerço o jornalismo sentindo em cada vértebra o peso da responsabilidade de registrar a história do presente, a história em movimento. Por isso, exerço com rigor, em busca da precisão e com respeito à palavra exata. Mas também com a convicção de que a realidade é um tecido intrincado, costurado não apenas com palavras, mas também com texturas, cheiros, cores, gestos. Marcas. Também com faltas, excessos, nuances e silêncios. Ruínas. Na apuração de minhas matérias, busco dar ao leitor o máximo dessa riqueza do real, para que ele possa estar onde eu estive e fazer suas próprias escolhas. (BRUM, 2008, p.14).

Nesse contexto, a autora, na apresentação do livro afirma que a obra é a expressão do profundo respeito pela reportagem, aquela que vai para a rua se arriscar a ver o mundo. Além disso, ela também aborda sobre ela e sobre não saber de fato o que ela é, pois está se descobrindo a todo momento. Logo, ela situa que o que ela tem a oferecer no livro não é nada mais do que ela mesma.

Na primeira reportagem do livro é apresentado as parteiras do Amapá. As personagens dessa história são Dorica, a mais velha parteira do Amapá, parteira indígena, Jovelina, a parteira mais afamada de Ponta Grossa do Piriri, Rossilda e outras parteiras. Eliane consegue colocar o leitor dentro daquele espaço através da reportagem, ela descreve o ambiente e a maneira de viver dessas mulheres tão humildes, mas com um dom tão importante quando o de “pegar menino”.

As parteiras não ganham um centavo por fazer sua atividade, mas fazem com muito amor por ser algo que acreditam estar destinadas a viver. Em um mundo tão desumanizado quanto o de hoje Brum traz a humanidade a cada palavra, ela ouve as parteiras e com elas compartilha esses momentos que passaram juntas e ainda afirma que se um dia ela voltar a mesma de uma reportagem ela deixa de ser repórter, pois ser repórter é mudar a cada reportagem.

A autora situa que ela não esperou o tempo correto para essa reportagem e por isso ela nasceu de “cesariana”. No entanto, ela afirma que mesmo tendo nascido com pressa ela foi parcialmente compensada com o respeito a linguagem das parteiras, de forma que ela as escutou, e ela ainda situa que a riqueza da linguagem e a forma como as parteiras se expressam é o coração da reportagem.

Roraima é o palco da segunda reportagem do livro, situado pela autora como um lugar esquecido, onde quando algum roraimense vai viajar indica que vai viajar para o Brasil. Por conta disso, ninguém sabe o que realmente estava acontecendo em Roraima, a guerra do começo do mundo, entre brancos e índios e também entre índios e índios.

Brum não fala apenas de uma Roraima, mas das várias faces que ela apresenta. O leitor é levado por todos os pontos dessa região, fato que acaba por proporcionar vários pontos de vista acerca desse lugar e é interessante o recorte das pessoas que são tão diferentes entre si e acabam tendo sua voz exposta ao mundo.

Eliane conta com ternura que essa reportagem é uma declaração de amor a Roraima. No entanto, mesmo assim alega que recebeu muito ódio quando a reportagem foi publicada. E justifica isso porque tentou trazer unanimidade a uma terra onde não existe consenso. Cada um interpreta a reportagem de uma maneira, não há formas de agradar a todos, Brum escreveu com primor essa reportagem, de forma que é possível sentir seu amor pelo lugar, mas é inevitável agradar a todos.

A terceira reportagem, intitulada “A Casa dos velhos”, traz à tona a história da Casa São Luiz e das pessoas que nela vivem.

De repente eles chegaram lá, diante do portão de ferro da casa de velhos. A vida inteira espremida numa mala de mão. Deixaram para trás a longa teia de delicadezas, as décadas todas de embate entre anseio e possibilidade. A família, os móveis, a vizinhança, as ranhuras das paredes, um copo na pia, o desenho do corpo no colchão. Reduzidos a um único tempo verbal, o pretérito, com suspeito presente e um futuro que ninguém quer. (BRUM, 2008, p.85)

Nessa óptica, a autora aborda com primazia a questão das pessoas que vivem nessa casa, ela traz vários pontos de vista presentes, além de também abordar questões que transcendem isso, Brum consegue emocionar o leitor a partir de sua narrativa, principalmente, por ser muito humana, de forma que ela não se acha superior a ninguém que está ali, mas sim se permite viver do mesmo que eles vivem.

Ademais, Eliane traz questões interessantes de serem citadas como os ricos se incomodarem de conviver com os pobres e isso ter causado a divisão da casa em duas alas e também a questão de mesmo na velhice ainda existir amor mesmo que marginalizado pela maioria que vive lá o amor ainda sobrevive. Logo, é instigante ainda haver alegria na casa, mesmo que não compartilhada por todos, algumas pessoas não perdem a alegria independente da situação em que estão.

No comentário da escritora sobre essa reportagem, ela situa que essa é a melhor e a pior reportagem desse livro. A melhor porque foi um dos retratos mais idênticos da realidade que ela fez, mas o pior porque ela não respeitou as pessoas que ela expôs na reportagem. Por fim, ela traz um pedido de desculpas nomeado a todas as pessoas que foram citadas nessa reportagem, Eliane traz novamente algo muito humano para o seu texto, o arrependimento, ela se culpa por ter magoado essas pessoas e inclusive afirma que tentou ligar para casa, mas eles estavam constrangidos por ela ter “traído” a confiança deles.

A quarta reportagem desse livro aborda a questão da pobreza. Através da vida de Hustene Alves Pereira a autora conduz uma narrativa crua, onde não se enrola, mas sim mostra cada aspecto do homem que se encontra desempregado e se recusa a receber “esmola” do governo. Essa parte do livro proporciona esperança e fé, essas são as palavras que mais definem essa reportagem, Brum consegue por meio das palavras trazer a sensação de vivenciar o que está sendo contado, ela leva o leitor junto com Hustene, de forma que é possível sentir através dessa reportagem o sentimento de cerceamento que ele sente por não ter oportunidades e ver sempre as portas fechadas.

Às vezes me perguntam: você se envolve com as fontes? É óbvio que sim. A gente não entra na vida dos outros impunemente. (Ainda bem.) Algumas vezes, essa relação intensa vivida entre repórter e personagem se encerra no fim da matéria. E

o que vivemos juntos transforma repórter e personagem, mas os caminhos não se cruzam mais. Às vezes é necessário que essa relação termine com a publicação da reportagem, porque o personagem precisa deixar aquele momento para trás como história contada. E encerrada. Mas às vezes a reportagem termina e a história continua com o repórter nela. Foi o que aconteceu aqui. Para Pankinha e Estela era inconcebível eu ter feito parte da vida deles por semanas e depois simplesmente ir embora, tipo acabou, muito obrigada e tchau. Nada disso. Minha foto aterrissou debaixo da imagem de Nossa Senhora de Fátima, onde está até hoje, seis anos depois. (BRUM, 2008, p.152)

Nesse contexto, é indescritível comentar essa questão do ser repórter. A escritora deixa bem claro que não existe como você não se envolver com a fonte, afinal é uma troca mútua, de forma que a fonte conta sua história para o repórter e esse conta esse enredo para o “mundo”. Logo, é interessante que nas suas reflexões acerca das reportagens Brum sempre traz uma convicção sua acerca da profissão, fato que torna o livro muito rico e para o leitor se torna um grande aprendizado de como exercer essa profissão com mais humanidade.

“A Terra do Meio” é o foco da quinta reportagem presente neste livro. Um lugar onde as pessoas nem mesmo sabem o nome do atual presidente, um lugar esquecido. No entanto, foi encontrado por grileiros que agora disputam com os moradores de lá suas terras. Logo, isso ameaça não só a população como também a biodiversidade presente lá. A escritora mais uma vez adentra completamente nessa reportagem e transporta o leitor junto com ela para dentro desse conflito.

Brum traz em seu parecer sobre a reportagem sua jornada até chegar na terra do meio, além de contar que esquecer do povo do meio era impossível. Dessa forma, por meio dessa parte é possível ver realmente o envolvimento da autora com sua reportagem, de maneira que como a mesma afirma em uma das partes do livro é impossível não se envolver com as fontes, pois é uma troca mútua cada um repórter e fonte muda o outro de alguma maneira.

A primeira parte da sexta reportagem do livro conta a história de Sérgio Cláudio de Oliveira Teixeira, o “Serginho Fortalece”, único sobrevivente do documentário Falcão — Meninos do Tráfico. Nessa parcela do livro a autora traz uma narrativa leve, mas, ao mesmo tempo, aborda um assunto pesado que é o tráfico, ela tem esse caráter, principalmente, porque Eliane soube exatamente como conduzir a trajetória do seu texto para deixá-lo dessa maneira.

Na segunda parte, a escritora abandona a leveza que trouxe na outra parte e impacta o leitor com os depoimentos de mães que perderam os filhos para o tráfico. Esse é um texto muito cru e que explora muito essa questão da realidade que o povo se recusa e visualizar, mas que acontece todo dia no Brasil. Brum traz com verdade o que ela intitula de “mães vivas de uma geração morta” e acaba por trazer também um tom muito emotivo ao texto.

Meu objetivo, ao fazer a reportagem sobre as mães dos meninos do tráfico, era olhar para elas — olhar para vê-las. A cada narrativa busquei contar não só das

palavras, mas da forma de falar, dos gestos que desmentiam o que era dito, das repetições, das negações, dos silêncios. Como Eva da Brasilândia, que repetia três vezes o final de cada frase e dizia, chorando, que não sentia mais dor. Eu queria dar ao leitor a oportunidade de ver pelos meus olhos os detalhes, as texturas, as ausências e os excessos de seu inferno pessoal — e também todas as nuances do que as fazia sobreviver.

O desafio era mostrar uma imagem inteira dessas mulheres — ou pelo menos uma que não ocultasse nenhuma parte essencial. E, assim, aproximá-las do leitor, de modo que não pudessem mais ser ignoradas, que se tornasse inescapável reconhecê-las nas ruas, no trabalho, em casa. Acredito que, num país tão desigual, é missão da imprensa aproximar mundos. Só o encontro honesto, verdadeiro, permite reconhecimento e transformação. Sou repórter quando me torno ponte entre Brasis. (BRUM, 2008, p.243)

Nessa ótica, a autora traz o seu sentimento pra dentro da reportagem e traz também um viés mais imperativo, na forma como ela contou a história dessas mães, de modo que ela queria que elas fossem lembradas como pessoas que existem na vida real e não em um universo paralelo. Dessa forma, ela consegue trazer tudo o que desejava, não existe como ler essa reportagem e sair com o mesmo olhar para o mundo, o leitor também é mudado nesse processo, como o repórter e a fonte, não da mesma maneira, mas de formas diferentes.

A sétima reportagem do livro tem como cenário Eldorado do Juma, onde a jornalista situa que aconteceu a maior corrida do ouro desde de a Serra Pelada. É interessante visualizar nessa parte do livro como a narrativa que é apresentada nesse texto vai passando por vários pontos da própria cidade e mostrando como a descoberta do ouro foi afetando setores da cidade como a população e o comércio.

Além disso, um fato muito fascinante é a procura da repórter por Zé Capeta, um personagem que não poderia faltar em sua história, pois era um dos personagens principais relacionados ao garimpo. Desse modo, pode ver como Eliane prioriza trazer o melhor de si na reportagem e afirma que foi atrás dele porque não queria que seu texto fosse baseado em presunções.

“Era nisso que eu estava interessada, a vida apesar da violência. As subjetividades que mantinham as pessoas vivendo – e muitas vezes sorrindo e sonhando.” (BRUM, 2008, p.304). A escritora traz na oitava reportagem do livro o modo de vidas dos moradores de Brasilândia, não focada em mostrar a parte “ruim” dessa periferia, mas sim com o foco em que apesar de todos os empecilhos as pessoas de lá ainda encontram razões para viver.

A reportagem tem um tom bem leve, mas, mesmo assim, ainda existem cenas que quebram essa leveza que a narrativa possui. No entanto, as histórias que a autora utilizou nessa reportagem são muito cativantes e diferentes, ela faz o leitor pensar além da ideia de violência e pobreza, de forma que em nenhum momento ela situa os moradores desse modo. Ademais, Brum preza por falar em sua maioria abordar momentos felizes que vivenciou, inclusive até tornou-se personagem sendo

madrinha de casamento, trazendo histórias como as dos cachorros de lá, que ela afirma serem tratados como humanos. Logo, é importante citar a grande sensibilidade que é trazida nesse texto e como a autora consegue com isso emocionar através da sua escrita.

Na nona reportagem desse livro a autora traz a narrativa de si mesma, quando o repórter vira o centro da reportagem. O texto se passa num retiro de vipassana, que significa ver as coisas como realmente são, é uma das técnicas de meditação, isso extrai da autora muita exposição e Eliane traz com primor a narrativa de si mesma, mesmo que o ser repórter seja atravessar a rua de si mesmo para ver a história do outro, às vezes é necessário trazer o repórter em primeira pessoa.

Ao escolher a primeira pessoa para narrar a história, confrontei-me com um desafio novo: era necessário ter a coragem de me expor também naquilo que era desabonador para mim, naquilo que eu teria preferido não mostrar. Se eu havia aceitado escrever sobre uma experiência pessoal, então teria de aceitar o ônus de contar também o meu outro lado. E teria de buscar o que havia de universal nesta experiência individual (BRUM, 2008, p. 349).

Sob esse viés, a jornalista traz a questão da exposição que teve que submeter para escrever essa reportagem e como escrever essa narrativa de se mesmo apresenta dificuldades, pois como a própria situa o “eu” tem o tempo certo de acontecer. Logo, essa parte do livro traz muito bem o eu sem exagerar, Brum estava pronta pra sua narrativa e com isso proporciona ao leitor um texto onde não há medo de se conhecer o desconhecido e aceitar as dores.

A última reportagem do livro aborda um assunto muito interessante que é a questão dos cuidados paliativos. Esse texto é dividido em duas partes, na primeira ela aborda com mais profundidade os cuidados paliativos e na segunda parte ela acompanha Ailce de Oliveira Souza até sua morte.

Na ótica dos paliativistas – profissionais que acreditam no respeito à hora do fim como parte do respeito à totalidade da vida –, é nesse momento que a medicina pode fazer ainda mais pelo paciente: garantir uma morte digna, sem dor, os sintomas da doença controlados, o paciente consciente e rodeado por quem ama. Cuidados paliativos priorizam a qualidade da vida possível – e não o prolongamento da vida a qualquer preço. A mudança de paradigma para o exercício da medicina balança os alicerces da bilionária indústria da saúde – e coloca em xeque a visão contemporânea da morte. (BRUM, 200, p.358)

Nesse contexto, a escritora traz com excelência e delicadeza esse assunto que ainda hoje é muito marginalizado, as pessoas não entendem a função do profissional de cuidados paliativos e Brum dá espaço e desmitifica a ideia de que esse profissional estende a vida o máximo possível a qualquer preço.

Infelizmente, no Brasil, todo mundo pensa que fazer Cuidados Paliativos é sedar o paciente e esperar a morte chegar. Muitos pensam que é apoiar a eutanásia ou acelerar a morte, mas isso é um engano imenso. Não faço eutanásia, e ninguém que eu conheça, que tenha recebido formação consistente em Cuidados Paliativos, a

prega ou a prática. Aceito a morte como parte da vida e tomo todas as providências e condutas para oferecer ao meu paciente a saúde, definida aqui como o bem-estar resultante do conforto físico, emocional, familiar, social e espiritual. Acredito que a vida vivida com dignidade, sentido e valor, em todas as suas dimensões, pode aceitar a morte como parte do tempo vivido assim, pleno de sentido. Acredito que a morte pode chegar no tempo certo, e assim será conhecida como ortotanásia. Mas ainda sou mais ambiciosa na prática dos Cuidados Paliativos e busco proporcionar e presenciar a kalotanásia: a morte “bela”.(ARANTES, 2016, p.35)

Ana Claudia Quintana Arantes, traz em seu livro “ A Morte é Um Dia Que Vale a Pena Viver”, um retrato dos cuidados paliativos que se assemelha ao que Brum traz em seu livro. Logo, é possível visualizar como a jornalista, trouxe uma visão que se difere do que as pessoas realmente pensam sobre essa profissão e que chega perto do que uma profissional da área como Claudia situa, o que mostra mais ainda o quanto Eliane é comprometida com seu trabalho e também com o reflexo que ele proporciona sobre os outros.

A segunda parte dessa reportagem, traz um personagem que está com uma doença terminal e por isso acaba tendo que ir para a enfermaria de cuidados paliativos, no entanto nessa parte o foco é mesmo em Ailce e sua vida. A autora proporciona uma aproximação com a personagem, de forma que o leitor vai acompanhando junto com ela sua jornada a morte, mas a morte não é tratada como algo triste. “Todos nós precisamos de pessoas capazes de entender nossa dor e de nos ajudar a transformar nosso sofrimento em algo que faça sentido.”(ARANTES, 2016, p.40). Dessa forma, Eliane torna-se para Ailce essa pessoa que entende sua dor e também transforma o sofrimento dela nessa reportagem e traz sentido a sua morte, ou melhor, a sua, pois conta a história dela e não deixa que ela seja esquecida.

Começando com a vida e terminando com a morte, o livro de Eliane Brum proporciona várias reflexões e aprendizados sobre os mais variados assuntos, mas principalmente, sobre o ser repórter e seu papel para si mesmo e para os outros, não é uma lista de como ser um bom profissional, afinal como a própria escritora afirma ela está sempre se permitindo aprender e essa é a essência do livro, à medida que a autora foi aprendendo foi levando o leitor junto com ela por essa caminhada de aprendizagem.

O livro é muito indicado para estudantes de jornalismo e para jornalistas, mas além disso é um livro importante de ser lido por todo mundo, pois traz assuntos além do fazer jornalístico que precisam ser abordados.

REFERÊNCIAS

- BRUM, E. O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real. São Paulo: Globo, 2008.
ARANTES, A. A morte é um dia que vale a pena viver. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2016.

O OLHO DA RUA – UMA REPÓRTER EM BUSCA DA LITERATURA DA VIDA REAL. Disponível em:
<http://elianebrum.com/livros/o-olho-da-rua-uma-reporter-em-busca-da-literatura-da-vida-real/>. Acesso em:
24 de Maio 2019.